

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Graduação Licenciatura em Ciências da Natureza para os Anos Finais
do Ensino Fundamental – EaD – UFRGS/IGEO

SABRINA VIEGAS DE AGUIAR

CAMINHOS DA DOCÊNCIA:
Reflexão Autobiográfica

Porto Alegre
2022

Sabrina Viegas de Aguiar

CAMINHOS DA DOCÊNCIA:
Reflexão Autobiográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Licenciatura em Ciências da Natureza para os Anos Finais do Ensino Fundamental sediado no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito obrigatório para obtenção do título Licenciada em Ciências da Natureza

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Valdete dos Santos

Porto Alegre
2022

SABRINA VIEGAS DE AGUIAR

**CAMINHOS DA DOCÊNCIA:
Reflexão Autobiográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Licenciatura em Ciências da Natureza para os Anos Finais do Ensino Fundamental sediado no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito obrigatório para obtenção do título Licenciada em Ciências da Natureza

Área de concentração: Educação

Trabalho de Conclusão defendido e aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Simone Valdete dos Santos, FAGED/UFRGS

Prof^a Dra. Fernanda Britto da Silva, Colégio de Aplicação/UFRGS

Prof^a Dra. Juliana Ferreira Boelter, Tutora da turma 1C – POA do Curso Licenciatura em Ciências da Natureza para os Anos Finais do Ensino Fundamental – UAB/UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

de Aguiar, Sabrina Viegas
Caminhos da Docência - Reflexão Autobiográfica /
Sabrina Viegas de Aguiar. -- 2022.
45 f.
Orientadora: Simone Valdete dos Santos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Ciências da Natureza,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Trajetória. 2. Gênero. 3. PIBID. 4. Residência
Pedagógica. I. dos Santos, Simone Valdete, orient.
II. Título.

Dedico aos meus filhos João Pedro e Luiza, por serem a minha motivação pela busca contínua de conhecimento. À minha mãe, Evelise, pelo exemplo de mulher, professora e dedicação pela profissão.

Agradeço à Prof.^a Dra. Simone Valdete dos Santos, minha orientadora, pela confiança e dedicação permitindo a finalização deste trabalho. À Prof.^a Dra. Fernanda Britto da Silva, pela tutoria exemplar durante os programas de docência PIBID e Residência Pedagógica e nos estágios obrigatórios. À Dra. Juliana Ferreira Boelter, tutora da turma 1C do Polo Porto Alegre, pela competência e atenção incansáveis. Às colegas Cristiane Martini da Silveira Leães e Elen Porto Rocha pelo apoio nessa caminhada

RESUMO

Compreender o processo de tornar-se professor, quais caminhos me direcionaram à docência e levar ao conhecimento de futuros professores estas reflexões é demonstrado nesse trabalho. Descrevo minha trajetória, inclusive ao passar pelos programas de formação inicial de professores, quais sejam: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Residência Pedagógica, financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior como acadêmica do curso Ciências da Natureza, bem como as experiências vividas na docência ao Ensino Médio e Ensino Profissionalizante, ambos públicos. A metodologia de pesquisa empregada é autobiografia qualitativa baseada em experiências pessoais, fundamentada em teorias da educação e autobiografias de educadoras e educadores. Espera-se, com os resultados dos relatos e estudo dos referenciais, reforçar as aprendizagens obtidas nos programas de iniciação à docência e no ensino profissional contribuindo para a formação inicial e atualização de professores. Este trabalho foi realizado durante o ensino remoto devido a pandemia por SARS- Cov, COVID-19.

Palavras chave: Trajetória. Gênero. PIBID. Residência Pedagógica.

ABSTRACT

The understanding of the process of becoming a teacher, which paths led to teaching and bringing to the knowledge of future teachers such reflections is demonstrated in this work, describing the author's trajectory, including the programs of initial teacher training, namely: Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (IPSTI) and Pedagogical Residency, financed by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) as an academic of the Natural Sciences course, as well as the experiences lived in teaching at High School and Vocational Education, both public. The research methodology used is a qualitative autobiography based on personal experiences, based on theories of education and autobiographies of educators. It is expected, with the results of the reports and study of the references, to reinforce the learning obtained in the programs of initiation to teaching and in professional education, contributing to the formation and updating of (future) in the exercise of teaching. This work was carried out during remote teaching due to the pandemic by SARS-Cov, COVID-19.

Keywords: Trajectory. Genre. PIBID. Pedagogical Residence

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ERE – Ensino Remoto Emergencial

ERER – Educação das Relações Étnico-Raciais

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

RP – Residência Pedagógica

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 METODOLOGIA	15
5 DE ONDE VENHO E ONDE ESTOU	17
5.1 Porto Alegre	17
5.2 Belém Novo	17
6 QUEM SOU EU	19
7 JORNADA PROFISSIONAL	23
8 MINHAS ESCOLAS	29
8.1 Colégio Estadual Protásio Alves	29
8.2 Colégio Estadual Professor Elmano Lauffer Leal	30
9 PROGRAMA DE INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID	33
10 PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA – RP	37
11 CONCLUSÕES: O QUE LEVO PARA AS CIÊNCIAS DA NATUREZA	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Os motivos de ser docente são variados: dom, propósito, ideal, (única) opção. Felizmente, ser a única opção (como era há décadas, para mulheres que queriam ser graduadas e, talvez, trabalhar), com o passar das gerações e evolução moral e cultural da sociedade, já não é mais: ser docente é uma escolha. Qualquer que seja a razão existe uma jornada, uma trajetória pessoal única que faz o professor ser professor e motiva o interesse e a reflexão de porque chegou até esse momento.

Falar sobre nós mesmos, contar nossas aventuras (e desventuras) não é nada fácil, pois revisitamos momentos, situações, por muitas vezes doloridas e que permanecem guardadas, sem intenção de destaque, querendo ser esquecidas, como no fundo de um baú qualquer. Como cheguei até aqui? Quais caminhos precisei percorrer até sentir a docência, me perceber docente, ser docente?

Este trabalho é composto de relatos pessoais traçados em uma linha do tempo refletindo minhas escolhas e seus resultados até então; relato a atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, no Programa Residência Pedagógica e como docente no ensino médio integrado ao profissionalizante e profissionalizante pós-médio de escola pública da rede estadual até então, pois estes podem modificar-se com o tempo.

Como poderão ser aproveitados no ensino das Ciências da Natureza tais experiências, e de que forma essas práticas reforçam as aprendizagens vinculadas ao planejamento pedagógico presentes no exercício da docência?

Um autor que relata muito bem o sentimento que permeará a construção desse trabalho é Saraçol (2014) citando Marques (2008) que, em sua biografia escreve

“Portanto, nisso reside a importância de contar a minha história. Em primeiro lugar para pensar sobre ela e em segundo lugar para comunicar ao leitor o contexto da minha constituição enquanto profissional, professor e agora pesquisador.” e assim, vou seguir esse processo de pensar, escrever, ler, e nesse entrelaçamento recursivo vou pensando e escrevendo, assim percebendo novos significados. Essa é a síntese que faço sobre o que é escrever para pensar. (MARQUES, 2008 apud SARAÇOL, 2014).

Separado em capítulos relato minhas vivências, experiências, anseios, perspectivas e expectativas nesse novo ofício que escolhi.

No capítulo intitulado: “De onde venho e onde estou” disserto sobre das minhas origens, da minha cidade, do bairro que escolhi para viver e, se possível, trabalhar.

“Quem sou eu” corresponde a caracterização desta autora, sua infância, referenciais familiares.

No capítulo 7: “Jornada Profissional”, conto as minhas escolhas profissionais e como cheguei até aqui, futura docente licenciada em Ciências da Natureza e, dando continuidade, o item 8 caracteriza minhas escolas, meus locais de trabalho e das pessoas que fazem parte dele, de alegrias e frustrações, dos ambientes que ao mesmo tempo “são de trabalho” e meu lazer, pois quando se gosta do que se faz, trabalho é somente uma palavra.

Os capítulos 9 e 10 são dedicados aos programas PIBID e Residência Pedagógica (RP), ofertados pela CAPES que realizei no Colégio de Aplicação/ UFRGS, fundamentais para minha formação e integração de múltiplos agentes.

Por fim, o capítulo 11, O que levo para as Ciências da Natureza, faço minhas considerações finais, no qual fecho um ciclo (ou abro um novo), do que estou levando como experiência, formação, dedicação, amigos, referenciais de professores, exemplos para a vida, que certamente me tornaram e tornarão uma pessoa, uma professora melhor.

2 OBJETIVOS

- Compreender o processo pessoal do encontro à docência e dissertar sobre a experiência da autora e aspectos fundamentais para o exercício da docência.

- Sistematizar experiências pessoais referenciadas na Educação Profissional as quais contribuem para o exercício da docência em Ciências da Natureza respondendo à pergunta: As experiências no PIBID e na Residência Pedagógica reforçam ou refutam as aprendizagens presentes no exercício da docência?

- Contribuir na formação inicial e continuada de professores, através dos relatos de vivências, de forma que venha ajudar na possível condução de práticas pedagógicas.

3 JUSTIFICATIVA

A razão deste trabalho se justifica pela importância dos relatos pessoais na docência vividas pela autora, pretendendo auxiliar no processo de formação, na relação professor-aluno e nas práticas de futuros docentes.

A presença e a lembrança de experiências boas ou ruins tornam-se significativas no que tange à forma, ao jeito de ser docente na escola, ou seja, os modelos e os “matriciamentos”, enquanto eram alunos, são fundamentais para construir uma imagem de ser professor. São os exemplos dos seus professores que desencadeiam um cenário de significações do que é ser um docente. (ARENHALDT; MARQUES, 2010, p. 18)

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste trabalho foi utilizada a metodologia qualitativa autobiográfica, relacionando as experiências pessoais da autora com trabalhos publicados por outros pesquisadores, constituindo uma dissertação pessoal à qual fala pressupostos para o exercício da docência em Ciências da Natureza. Inclui a narração de experiências que, não somente, antecederam a escolha pela licenciatura, mas que ainda permeiam.

Narra a entrada na docência da educação profissional no ensino público nos cursos profissionalizantes ofertados pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. As experiências no PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e RP – Residência Pedagógica, ambos programas promovidos pela CAPES, vinculados ao Ministério da Educação do governo brasileiro, também são contadas, refletindo o ser docente em Ciências da Natureza, as estratégias pedagógicas aprendidas no curso.

Quando lemos textos dissertando escrita autobiográfica posso citar alguns autores:

Assim sendo, a escrita autobiográfica não produz somente um efeito sobre si mesmo naquele que escreve. Produz um efeito também naquele que lê, naquele que reflete sobre a trajetória do outro e, neste caso, naquele que está no lugar de “avaliar” um texto como um memorial. (ARENHALDT E MARQUES, 2010, p. 17)

A escrita autobiográfica se constituiu em uma possibilidade de ressignificarem suas histórias de vida, bem como a experiência da docência (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012, p.8).

Afinal, refletir, evocar e escrever sobre a própria vida é algo difícil, exige a disposição para penetrar nas camadas da memória, por vezes endurecidas pelas marcas que o tempo vai deixando. (ALMEIDA; BERGAMASCHI, 2012, p. 10).

Quando pensamos em relatar nossas experiências, Bergamaschi (2000) escreve que trajetória não é entendida como sucessão cronológica, mas um fazer-se marcado por tempos e espaços nem sempre sucessivos e tangentes, mas que se permeiam, se fundem.

Outra autora com definição positiva a metodologia, Marques (2005, p. 17) conta que em determinado momento de sua trajetória, quando ajudava uma colega de escola a estudar relata o seguinte: “...desde aquela época dei-me conta de que nessas situações quem mais aprendia era eu, na medida em que tinha que entender o processo e os passos a serem dados para refazer o caminho daquela construção. Eu tinha que enfrentar desafios e assim crescia”.

Na mesma obra a autora também faz relato ao aproveitamento enquanto docente: “Meu modo de saber se a aula foi produtiva é o meu humor ao sair da mesma. Sinto-me satisfeita em sala de aula, gosto desse trabalho e quero aprender mais para ser melhor professora.” (2005, p. 17)

Ao responder questões sobre quando percebemo-nos docentes temos: a escrita de memoriais em percursos formativos permite para aquele que escreve sobre si, ou para aquele que lê a história de outro, compreender os sentidos de estar na docência, de ser professor (ARENHALDT; MARQUES, 2010, p. 17).

5 DE ONDE VENHO E ONDE ESTOU

Nasci em Porto Alegre, no ano de 1980. Em virtude de ter pais separados, cresci entre a zona norte e o extremo sul da Capital (zona rururbana) e, hoje, sou moradora do bairro Belém Novo, que foi distrito, que, décadas atrás, era região de férias, pois temos praia no bairro. A qualidade de vida é incrível, semelhante a uma cidadezinha do interior com uma praça e em seu entorno a Igreja, a Delegacia de Polícia, farmácia, banco e escola, além de termos a disposição um comércio que, dentro do possível, alcança as expectativas. Sou suspeita para falar, mas aqui é o paraíso.

5.1 Porto Alegre

Porto Alegre é a capital do Estado do Rio Grande do Sul, foi fundada em 26 de março de 1772 como nome de Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais (PORTO ALEGRE - RS, 2022). Teve outros nomes até chegar ao atual. É banhada pelo lago Guaíba e faz limites com os municípios Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Eldorado do Sul e Viamão. Conforme o censo realizado pelo IBGE em 2010 tem 1.409.351 habitantes e estimativa para 2021 de 1.492.530 habitantes. (IBGE, 2022)

5.2 Belém Novo

Belém Novo é um bairro do extremo sul Porto Alegre. Foi criado pela lei nº. 6893 de 12 de setembro de 1991. É uma variação do nome do Arraial, cuja primeira sede foi o bairro Belém Velho. Em 1880 sua administração foi transferida para onde hoje é o bairro, mas chamando-se “Arado Velho”. Enquanto o entorno do centro de Porto Alegre passava por processo de modernização e urbanização, Belém Novo, em consequência de seu difícil acesso, manteve uma caracterização agrária, principalmente pelo grande número de chácaras mantidas por pequenos agricultores e famílias com elevado poder aquisitivo, que possuíam casas de veraneio para descanso. Somente em 1933, Belém Novo passou a ser uma local de fácil acesso, em função da conclusão de uma rodovia que o ligava ao centro da Capital (In: www.belemnovo.com.br, pesquisa feita em 16 de dezembro de 2021).

Apesar de seu histórico, Belém somente veio a integrar-se oficialmente enquanto bairro no ano de 1991, através da Lei 6993. Possui o estabelecimento de sede campestre de algumas instituições, como a da AJURIS, Grêmio Náutico Gaúcho e da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Também estão situados no bairro a Confederação Brasileira de Golfe, e o Aeroclube do Rio Grande do Sul, que abriga a Escola de Aviação Civil. No bairro temos a Fazenda do Arado, uma área de 426 hectares de natureza e praia, que pertenceu a Breno Caldas, fundador do jornal Correio do Povo. Esta área teve mudança em sua as características aprovadas pela prefeitura Municipal de Porto Alegre, com a intenção de urbanizar parte dela, um projeto polêmico, que ainda gera muitas discussões em função do impacto ambiental que causará.

6 QUEM SOU EU

Tenho 41 anos, natural de Porto Alegre, filha de uma professora (maravilhosa), chamada Evelise, de Matemática e bailarina clássica e de um industrial. Meus pais, embora tivessem mantido o relacionamento durante mais de 15 anos, o casamento durou sete e, dois anos após meu nascimento, separaram-se.

Como acontece em grande parte das famílias a responsabilidade pelo meu desenvolvimento, criação e educação foi materna e, sou abençoada por isso, pois se não fosse por ela, não teria os valores que tenho hoje e que passo para os meus filhos. Meu pai sempre esteve presente, mas nunca ficou muito preocupado com a qualidade da minha educação, mas procurou, até certo momento, passar ensinamentos éticos e valores fortes. Consigo perceber as diferenças nos valores de cada um quando conheço a história de vida dos meus avós e a forma como eles educaram seus filhos e como foram educados; família é tudo.

Após a separação, minha mãe foi morar na zona norte, inicialmente com meus avós maternos e depois ela alugou um apartamento para somente nós duas. Sempre tentava fazer tudo sozinha, muito independente. Como é professora, por muito a acompanhei em suas aulas: as de Matemática, nas escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul dentro da cidade de Porto Alegre e por algum tempo, as de ballet, em algumas academias da cidade, vezes por vontade própria, vezes por ela não ter quem me cuidasse enquanto trabalhava, pois com o passar dos anos, das mudanças econômicas, tudo foi ficando cada vez mais difícil financeiramente: inicialmente ela trabalhava um turno, depois dois turnos e depois três turnos de trabalho. Lembro que a trajetória dela durou minha infância e adolescência, dos meus 7 aos 18 anos de idade. Hoje, ela, aos 64 anos, está encaminhando finalmente sua aposentadoria, sempre na rede pública estadual e também no município de Gravataí.

As mulheres da minha família são professoras. Eu era a única “ovelha desgarrada”. Minha mãe, tias, primas... todas professoras. Educadoras da educação infantil e básica da rede pública. Eram 09 mulheres professoras; agora, somos 10. Para minha mãe, ser professora não foi a primeira opção, mas a única dada a ela. Foi a única por ser mulher, porque era a profissão da mulher e, caso quisesse ter uma formação, somente poderia ser professora. A verdade é que ela queria mesmo ser engenheira, mas sua mãe, minha avó, dizia “- Onde se viu uma mulher num canteiro de obras no meio de um monte de homem? Vai ficar mal falada. Se quiser fazer

faculdade, só se for pra ser professora.” E lá foi ela fazer licenciatura em Ciências Físicas e Biológicas com habilitação em Matemática na PUCRS.

A cultura machista e o preconceito de gênero era (ainda é) algo presente na maioria das famílias, de todas as classes sociais; mulheres e homens tinham (e, infelizmente ainda tem) lugar definido na sociedade. Uma pena... quantos sonhos não realizados, quantos ótimos profissionais deixamos de ter.

Nesse momento faço uma pausa em meu relato pessoal para falar um pouco sobre a feminização do magistério primário, visto que, inclusive na docência, os professores universitários, em sua maioria, eram homens, até em filmes isso é mostrado. As mulheres, assim como boa parte da população, eram analfabetas e, devido ao crescimento populacional, houve a necessidade de melhorar a escolarização e formar novos professores a fim de diminuir o analfabetismo no Brasil. O magistério, num primeiro momento, foi visto como um preparo para as boas moças quanto às habilidades com a família e filhos, sendo como um preparatório, um desenvolvedor de habilidades, para o casamento. Noutro, mais à frente, o magistério era uma alternativa às moças que não tinham conseguido casar-se e era uma forma digna de sustento, já que não tinham um marido que o fizesse.

Ser professora era uma extensão das atividades familiares, por isso, à época, a regulamentação só autorizava o exercício da profissão durante meio período do dia, pois no outro a mulher deveria dedicar-se à família, marido e filhos. O magistério era visto como um sacerdócio e arrisco-me a afirmar que muitos ainda pensam dessa forma, como se não fosse um trabalho digno de uma boa remuneração, visto o olhar social. E foi essa cultura que nossos familiares, em sua grande maioria, tinha: de que profissão de mulher era ser professora. Isso reflete nos baixíssimos salários pagos a categoria do magistério (ALMEIDA, 1996).

O artigo *Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino*, de Jane Soares de Almeida faz um apanhado histórico muito claro e objetivo nessa questão.

No final do século XIX, destinada à jovens de poucos recursos do total das mulheres brasileiras, quase dois terços destas eram analfabetas, embora o mesmo acontecesse com a população e geral.

Com a criação da seção feminina no Seminário da Glória em São Paulo, no ano de 1876, que fechou dois anos depois, reabrindo em 1880, esta rapidamente tornou-se uma escola procurada cada vez mais pelas mulheres, uma vez que ficava explícita a função de dar, às boas moças que a ela se dirigiam, formação profissional, aumentar a instrução e preparar boas mães e donas-de-casa.

Quando inaugurou-se em São Paulo a seção feminina da Escola Normal, segundo alguns historiadores, esta foi primeiramente destinada às jovens de poucos recursos e às órfãs sem dote, as quais era interdito o sonho de um bom casamento, dado que este apoiava-se necessariamente em bases econômicas. Sendo difícil casar-se, precisavam essas moças, para não ser um peso para a sociedade, conseguir um meio de subsistência proporcionado por uma profissão digna, de acordo com o ideal feminino e que não atentasse contra os costumes herdados dos portugueses de aprisionar a mulher no lar e só valorizá-la como esposa e mãe. Portanto, ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaia-se perante a nobreza do magistério (ALMEIDA, 1996, p. 73).

Minha trajetória não foi a mesma, sempre quis ser médica, mas não tive recursos financeiros para pagar uma faculdade privada, nem orientação, nem maturidade suficiente para continuar tentando uma vaga em uma universidade federal. Toda minha vida escolar foi dentro de escolas privadas, exceto em 1993, quando cursava a antiga 7ª série. Lembro que nessa época fui morar com meu pai, no extremo sul da cidade, e exigi ir para uma escola pública perto da minha casa, pois meus amigos estudavam lá. Foi um dos melhores anos, mas diferenças com meu pai foram aumentando, estava insuportável conviver com ele, com suas escolhas, seu jeito de viver e assim, voltei a morar com a minha mãe, meu irmão pequeno e meu padrasto. Sim, tinha um padrasto, que por algumas vezes fez mais por mim, que meu pai.

A propósito, o único motivo que fez com que eu fosse morar com meu pai foi que não aguentava mais mudar de cidade e deixar meus amigos e família. Minha mãe casou novamente e obviamente acompanhava meu padrasto, assim fui obrigada a mudar com ela, morando no Rio de Janeiro e São Paulo, ambas capitais e dessa vez iriam para Pelotas e eu não iria aguentar mais uma mudança. Nas duas vezes anteriores não foi dado a mim o direito de escolha. Nos mudávamos, não dava certo, voltávamos para Porto Alegre. Lembro que, quando iríamos voltar

de São Paulo, meu pai foi me buscar de carro. Voltamos de madrugada, eu e os móveis da minha mãe. Essas mudanças eram muito sofridas, são feridas que vez por outra ainda doem, como agora, ao lembrar. Mudar para Pelotas, ou para o lugar que fosse, novamente, era impensável. Como já tinha entre 12 e 13 anos, impus minha vontade e fui atendida.

Voltando a trajetória escolar, estudei, no ensino fundamental, nas instituições Colégio São João La Salle, Escola Particular de 1º grau Dr. Edmundo Gardolinski (atual Escola Cenáculo), Colégio Batista (RJ), Colégio São Domingos (SP), Escola Estadual Dr. Glicério Alves e Colégio Santa Teresa de Jesus. O antigo 2º grau foi cursado nas escolas Colégio Santa Teresa de Jesus e Colégio São Judas Tadeu.

Após a formatura no 2º grau, quase a totalidade dos meus colegas haviam ingressado na faculdade, mas eu tinha ficado pra trás, pois não havia sido aprovada no vestibular para Medicina. Iniciei o ano 1998 fazendo cursinho pré-vestibular e, no segundo semestre, fiz o vestibular na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos só para testar e fui aprovada em 4º lugar. A partir daí comecei a cursar Enfermagem pela manhã e o pré-vestibular à tarde. Como era uma jornada muito cansativa, optei por seguir com a faculdade ao cursinho. De 1998 a 2001 estudei Enfermagem na Unisinos e, no último semestre do curso, após um teste vocacional, que viria confirmar minha vontade, abandonei o curso: não era Enfermagem.

Não era mais feliz com o que havia escolhido, tinha muita dificuldade financeira e para conseguir trabalho na área. O resultado do teste vocacional mostrou, resumidamente que, ou eu cursava Medicina ou Administração Financeira pois a aptidão era a mesma. Aliado a isso, sentia necessidade de ajudar meu pai, pois ele estava praticamente falido. Finalmente, em 2002, comecei a estudar Administração na Universidade Luterana do Brasil - ULBRA no município de Canoas, encerrando em dezembro de 2006 e colando grau em abril de 2007, sempre trabalhando ao lado do meu pai.

Conheci meu marido em 2004, à época namorado, e em dezembro de 2006 João Pedro, meu filho mais velho, nasceu. Luiza, minha filha, em 2010 e o parto dela não aconteceu da melhor maneira, não com ela, mas comigo. As intercorrências durante o parto juntamente com acusações graves, por parte do meu pai, que ocasionaram minha saída gradual da empresa desencadearam uma depressão extremamente forte, depressão essa que ainda persiste de certa forma e que me trouxe muitas sequelas.

7 JORNADA PROFISSIONAL

Minha jornada profissional iniciou quando decidi trabalhar com meu pai, não para crescer profissionalmente, mas para tentar livrá-lo da completa falência, pois por conta de erros de gestão, de grande empresário, com muita fartura, passou a “contar moedas” para ter o que comer. Também por falta de experiência e na certeza em ajudar meu pai me aventurei durante essa jornada. Durante 10 anos servi de apoio emocional, financeiro, familiar. Fui filha, mãe, psicóloga e quase que uma trabalhadora voluntária, pois eu só recebia quando sobrava. A administração da empresa foi colocada sob minha total responsabilidade, com 22 anos e sem nenhuma experiência. O que fazia era mais de forma empírica do que com o próprio aprendizado na faculdade e, aliado a isso, a resistência a mudanças não era passado, mas presente e viria a ser futuro também. Ele responsabilizou-se somente com o processo produtivo. Anulei minha vida em prol da dele, renunciei sonhos, vontades, oportunidades em troca de nada. Ou melhor, em troca de um rompimento motivado por acusações infundadas, que fizeram eu entrar em uma depressão profunda logo após o nascimento da minha filha, em 2010, além de, literalmente, não ter dinheiro para comer.

Em 2011 consegui um emprego e fui trabalhar em uma instituição financeira, permanecendo lá por 7 anos. Tinha uma remuneração razoável, ótimos benefícios, era feliz no meu trabalho; tinha consciência que era boa no que fazia e o crescimento na carreira seria questão de tempo. Fui promovida em 2013, mas em 2018, devido uma troca de favores entre gerentes (que soube depois, claro), fui demitida. Não tinha a mínima ideia de que incomodava algumas pessoas e nessa época, depois de perder o emprego, com quase 40 anos, e não conseguir recolocação no mercado de trabalho, quando não havia mais como não pensar em mim, na minha vida, fui em busca do meu propósito.

Volto a mencionar a diferenciação de gênero: mulheres com filhos, principalmente pequenos, têm dificuldades enormes em conseguir emprego, pois as empresas pensam que, caso a criança adoça, a funcionária, mãe, não irá trabalhar naquele dia, causando prejuízo na organização.

De tempos em tempos, refletia sobre propósito de vida, qual legado eu estava construindo, mas essas reflexões perdiam-se no tempo, pois havia coisas mais importantes. Durante anos pensei em qual seria o meu e após muitas reflexões, leituras, assistir palestras, vídeos, cheguei à conclusão que meu propósito era ensinar. Sempre gostei de transmitir o meu conhecimento para os outros. Ensiná-los tudo aquilo que eu havia aprendido sozinha, com minhas experiências, de bom e de ruim e o primeiro passo foi ser professora dos meus filhos.

Mas por que confirmei meu propósito? Porque me tornei professora, assumi esse papel, no momento em que meu filho mais velho, João Pedro, precisou de mim, em 2012, ao entrar para o primeiro ano do ensino fundamental. Filhos naturalmente precisam de suas mães, mas o João, apresentava dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e fonológico desde muito cedo, tinha características próprias, características essas que se confundiam com transtornos do espectro autista. Eu ficava atenta, mas muitas vezes pensei que estava procurando problemas onde não havia, que talvez fosse o tempo dele. Hoje, depois de tudo o que ele passou, arrisco a dizer que sim, estava no tempo dele, pois não é o mesmo que das outras pessoas.

Diziam que ele tinha isso ou aquilo, mas em um exame apareceu uma pequena, pequeníssima demora nas transmissões justamente na área do cérebro responsável pela parte cognitiva, mas mesmo assim não justificava suas dificuldades ou definia algum transtorno específico. Ouvei de um médico que o que ele tinha era preguiça, foi surreal ouvir isso de um profissional que deveria ter mais preparo. De outro, agora um neurologista, que ele amadureceria um pouco mais tarde que as crianças da idade dele, mas que ele iria sim evoluir. Minha cabeça era um ponto de interrogação, nada era definido.

A identificação de transtornos de aprendizagens, inclusão era um “assunto relativamente novo” para os médicos e outros profissionais da saúde, que não falavam aos pacientes (e aos responsáveis) possíveis sintomas ou causas que justificassem comportamentos como o dele e, nas escolas, para os professores também (até hoje é). É um diagnóstico multidisciplinar. Passamos por diversos neurologistas, fonoaudiólogos, psicólogos, psiquiatras, geneticistas e, agregando, muitos exames. Nossa, foram muitos. Meu filho é um guerreiro.

A confirmação do TDAH veio somente, em 2020, o que para mim já era sabido: João tem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, dislexia e falha no processamento auditivo. A forma como o TDAH se manifesta, não é a mesma para todas as

peessoas que apresentam esse transtorno e ele tem mais dois componentes que contribuem. João demora um pouco mais a compreender certas coisas, procura repetir o que falamos (para ter certeza que entendeu corretamente), é mais ingênuo, precisa ser estimulado a ter iniciativa, dificuldades com as disciplinas de português e matemática, escreve com letra bastão, tem problemas de dicção (dislalia) justificado pelo seu cérebro que não processa os sons corretamente, ou melhor, não processava (está em treinamento) e, não processando corretamente, escutava errado e falava e escrevia errado.

TDAH: Caracterizados pelos sintomas da desatenção, hiperatividade e impulsividade, o transtorno pode causar inúmeras dificuldades, principalmente no que diz respeito ao desempenho escolar e ao convívio social da criança. Nota-se que apesar de ser um tema relevante, o TDAH ainda é alvo de compreensões equivocadas, uma vez que o não conhecimento a respeito do transtorno leva a construção de preconceitos, sendo que, muitas vezes, estas crianças são vistas como desinteressadas, preguiçosas e desobedientes. Sabe-se também que o tratamento deste requer muita dedicação tanto por parte da família quanto da escola e profissionais da área da saúde, afim de proporcionar melhores condições de aprendizagem e convivência, tanto no meio acadêmico, quanto no meio familiar.

Sabe-se que o transtorno pode acometer tanto meninos quanto meninas. Entretanto, a incidência é maior entre meninos, visto que as causas podem estar associadas ao hormônio masculino chamado testosterona (ALMEIDA, 2022, p. 113).

Após meses de tratamento fonoaudiológico corretamente direcionado, adquiriu as habilidades necessárias quase em sua totalidade. Hoje, um adolescente, tem 15 anos. Apresenta algumas dificuldades ainda, mas muito menos que há alguns anos: quando sai da rotina, precisa de um tempo para lembrar como era, tem algumas dificuldades em colocar o conetivo correto nas frases, presta atenção em várias coisas ao mesmo tempo, é ansioso, mas é uma das pessoas mais incríveis que conheço: calmo, doce, amigo, protetor, empático, muito esforçado, adora ler (lê e debate os trechos dos livros, pois ajuda a compreensão), assistir a documentários, ciências, estudar a filosofia samurai, mas tem dificuldades em lidar com frustrações. Faz terapia cognitivo-comportamental para apoiá-lo, ainda mais nessa fase de transição que todo o adolescente passa. Por vontade própria segue alguns perfis no Instagram que o ajudam a

compreender e lidar com os sentimentos e algumas comunidades que falam sobre seus transtornos mostrando que não há problema nenhum em tê-los.

Lembro que há algum tempo, uma emissora de TV, através de um quadro específico fez uma série de reportagens falando sobre o TDAH e aproveitei para falar, contar sobre o que acontece com ele. Ao assistir, houve uma identificação imediata com os relatos. Choramos muito: disse que sabia que era diferente, mas não entendia o porquê, pois não conseguia ser de outra forma. Expliquei que não deveria se preocupar com certas coisas e que não se cobrasse tanto, pois com o tempo e esforço só iria melhorar, mostrei todas suas potencialidades. Da mesma forma que foi doloroso, foi libertador para ele. Saber o que ocorre com sua cabecinha tirou um peso de suas costas, esse foi seu relato.

Investigar possíveis transtornos, que poderiam prejudicar o desenvolvimento cognitivo, emocional, social do meu filho foi, no mínimo, angustiante. Fiquei e (às vezes) fico projetando como será a vida dele, os desafios, o preconceito, os rótulos, se ele sempre será ingênuo ao ponto de deixar (sem perceber) que o prejudiquem. Medo de morrer, de faltar, de desamparo. Acho que é um sentimento comum aos pais, principalmente das mães, mas descobrir, finalmente saber o que está acontecendo foi uma das melhores coisas, pois conseguimos enxergar um caminho para seguir e o objetivo que se quer chegar.

Com a Luiza foi um pouco diferente. Ela tem 11 anos, frequenta a escola desde o 4 meses de idade. Foi planejada, amada e é minha melhor amiga. Fisicamente, Luiza é muito semelhante a mim, mas tem uma personalidade forte, é brincalhona, bagunceira, muito esperta e empoderada. Estimulo isso nela: se amar, gostar de sua imagem, da personalidade, da capacidade de fazer amigos, da coragem. Ama a escola e os colegas, é líder. Luiza e João se complementam: ele traz a serenidade e ela ensina para ele como é bom brincar e ainda ser criança.

Aqui vejo a importância da família, no cuidado e os benefícios e sequelas que elas podem nos trazer. Onde enxergavam “burrice”, preguiça, surdez, eu enxergava uma grande vontade, mas, na mesma proporção, dificuldade em se expressar, em transmitir, traduzir seus pensamentos em palavras. Essa visão errada do João veio dos professores, de familiares, médicos. Aceitação, compreensão e sensibilidade, são os primeiros passos para ajudar pessoas

com qualquer tipo de transtorno, dificuldade. Causa emoção ao lembrar de toda a trajetória, tudo o que nós dois passamos.

Sempre entendi que aprender fosse diferente de decorar (metodologia muito utilizada na época em que eu estudava - 1986 a 1997) e ao ensiná-lo tentava mostrar o porquê ele estava aprendendo aquilo, fazia associações com objetos, sons, cores, onde a gente encontrava no ambiente. A cada explicação, tinha mais motivação para explicar mais e aprender mais para explicar mais. Não queria que ele, nem a Luiza, minha filha, levassem anos (como eu levei) para enxergar, entender porque aprendemos o que aprendemos. Pessoalmente penso que as crianças não têm maturidade suficiente para aprender o que é ensinado naquele ano específico, em função da sua idade; menos cobranças por resultados, são pequenos.

Dado todo o cenário, minha transição de carreira estava definida, mas faltava mais recursos financeiros que qualquer outra coisa para voltar a estudar e, buscando informações e oportunidades, cheguei a Licenciatura em Ciências da Natureza para os anos finais do Ensino Fundamental ofertada pela Universidade Aberta do Brasil – UAB e Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em 2018. Felizmente as inscrições para seleção estavam por abrir. Realizei a inscrição, paguei a taxa e, em seguida, fiz a prova de português e redação e fui aprovada. Nossa, fiquei muito feliz, pois sempre gostei muito de estudar. O curso iniciou em maio de 2018 e estou concluindo no início de 2022.

Ainda estava desempregada e via nos contratos temporários para contratação de professores no Governo do Estado do Rio Grande do Sul uma oportunidade, pois dentre outras vantagens, a possibilidade de contratação mesmo cursando a graduação existia. Quando o edital para inscrição e contratação foi publicado, dentre os pré-requisitos havia exigência mínima de 6 semestres cursados, o que não aconteceria para mim, porém como já era graduada em Administração e haviam disciplinas disponíveis dentro da minha área de formação, consegui o deferimento da inscrição e em poucos meses estava lecionando com um contrato temporário na educação profissional no Colégio Estadual Protásio Alves.

Comecei no Estado, em maio de 2019, com apenas 10 horas, mas a ampliação de carga horária era certa e sempre tive em mente que precisava entrar, depois as ampliações de carga horária viriam naturalmente. No Protásio Alves, onde ainda sou docente, leciono as disciplinas Cálculo Trabalhista e Contabilidade Pública para os 2º e 3º semestres do curso Técnico em

Contabilidade Pós-Médio. No mês de agosto seguinte, houve oportunidade de uma ampliação de carga horária, porém em outra escola, Escola Estadual Professor Elmano Lauffer Leal onde leciono a disciplina de Administração para o curso Técnico em Administração pós médio e Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio. Ao todo leciono 40 horas semanais nessas escolas.

Nesse meio tempo o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por intermédio da Secretaria de Educação - SEDUC, lançou novos editais e, quando já estava cursando o 6º semestre da licenciatura em Ciências da Natureza, fiz meu cadastro para a disciplina de Biologia (pois era a ofertada) e hoje faço parte do cadastro de professores temporários. Em março de 2022 começo a lecionar a disciplina de Biologia, também no Colégio Protásio Alves, com um novo contrato. Feliz, pois finalmente vou desenvolver habilidades através das competências adquiridas no curso, seus estágios obrigatórios e participação dos programas de bolsas.

O que agrega valor ao ensino das ciências e, conseqüentemente me torna mais qualificada e com habilidades em desenvolvimento são os Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no qual fiz parte de 01/04/2019 a 31/01/2020 e Programa de Residência Pedagógica, desde 01/10/2020, ainda em curso, com previsão para encerramento em 31/03/2022; ambos financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) realizados no Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Cap/UFRGS. Nesses dois programas passamos por diversas etapas: desde observação, até realização de planejamentos e condução das aulas, realização de experimentos (que fazem parte do planejamento), correção das atividades dentro da plataforma escolhida pela Instituição - Moodle, trabalhando interdisciplinarmente com o curso de Letras da mesma Universidade no Programa de Residência Pedagógica.

8 MINHAS ESCOLAS

8.1 Colégio Estadual Protásio Alves

O Colégio Estadual Protásio Alves, é uma escola pública do governo do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que sua mantenedora é a Secretaria de Educação. Está subordinada às executoras das políticas públicas de educação 1ª Coordenadoria Regional Estadual – 1ª CRE e Superintendência de Educação Profissional do Estado – SUEPRO.

Localizada na avenida Ipiranga, nº 1090, bairro Azenha nesta Capital e foi fundado em 03/08/1931 por Emílio Kemp, médico e jornalista carioca, que exerceu diversas funções em jornais e revistas fluminenses e porto-alegrenses até ingressar no funcionalismo público do Rio Grande do Sul como inspetor estadual de ensino (COLÉGIO ESTADUAL PROTÁSIO ALVES, 2021).

O início do funcionamento da Instituição começou no ano de 1931, com a oferta de curso noturno para alfabetização de adultos, escrituração mercantil, de artes e ofícios, equivalente ao ensino atual de 1º a 5º anos do ensino fundamental I, funcionando em um prédio localizado na Rua Duque de Caxias, esquina com a Rua Marechal Floriano Peixoto, no centro de Porto Alegre/RS. Na sequência, até o ano de 1948, foi ofertado curso noturno de nível ginásial livre, equivalente ao ensino fundamental II, do 6º ao 9º anos. No ano de 1959, há uma mudança com a inauguração do prédio da Avenida Ipiranga. No ano de 1965, o nome da escola foi alterado para Colégio Comercial Protásio Alves e em 1979, passou a ser conhecido por Colégio Protásio Alves - Escola Estadual de 2º grau. Atualmente, é denominado Colégio Estadual Protásio Alves. Com a chegada da educação profissional e a necessidade do mercado do trabalho, à época, entre os anos 70 e 80, ofertou o curso de secretariado. No ano de 1996, passou a ofertar, com base na educação profissional, o curso técnico em Administração e no ano de 2003, curso técnico em Contabilidade. Em 2007, buscando se adaptar ao mercado, passou a ofertar os cursos técnicos em Informática, assim como técnico em Desenvolvimento de Software. Na atualidade, a escola desenvolve as modalidades de ensino médio e educação profissional, com a oferta dos 4 cursos técnicos: Administração, Contabilidade, Informática, Informática para a internet além dos três anos do Ensino Médio. O funcionamento da Instituição se dá em três turnos, manhã, tarde e noite (COLÉGIO ESTADUAL PROTÁSIO ALVES, 2021).

A escola possui 1276 alunos, conta com 79 colaboradores, sendo 67 professores e 12 funcionários. A equipe diretiva é formada por uma diretora e três vice-diretoras (exercendo o cargo nos três turnos) e também compõem o quadro de colaboradores orientadores, supervisores, administrativo, serviços gerais, monitoria e segurança. Mais da metade - trinta e sete - do quadro de professores leciona para o ensino médio, vinte e um professores para o ensino técnico, dez lecionam para as duas modalidades e quarenta e cinco lecionam somente nesta escola.

A estrutura é composta por um prédio de 3 andares e um anexo térreo e conta com 8 laboratórios de informática, 19 salas de aula, sala de vídeo, auditório com ar condicionado, biblioteca, ginásio de esportes coberto, sala do SOE, sala do SSE, sala de recursos, sala da vice direção, sala da direção, sala do setor financeiro, sala do setor de recursos humanos, sala da secretaria, sala de monitoramento e segurança, cozinha, espaço para estacionamento dos professores.

Os alunos da escola têm perfil de baixa renda e residem nas zonas leste e sul da cidade, além do município de Viamão. Com a pandemia por COVID-19, muitos alunos evadiram por diferentes motivos: falta de recursos financeiro/tecnológicos para acompanhar as aulas, doença, por ficarem desempregados ou por serem o único de suas famílias que estavam empregados (na maioria como estagiários).

A escola foi contemplada com o programa Avançar na Educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, lançado em 2021, sendo escolhida para ser uma das escolas padrão da rede estadual de ensino onde passará por mudanças positivas com investimentos na melhoria infra estrutural e tecnológica (SEDUC, 2021).

8.2 Escola Estadual Professor Elmano Lauffer Leal

Localizada na esquina das avenidas Ary Tarragô e Baltazar de Oliveira Garcia, bairro Jardim Planalto, em Porto Alegre, o nome dado foi em homenagem a um antigo professor de

educação física que, antes da docência nesta escola, foi um vitorioso atleta do vôlei, atuando em vários clubes gaúchos. Antes de se chamar Escola Estadual Professor Elmano Lauffer Leal haviam duas escolas: Escola de Área Rui Barbosa, no período diurno e Escola Estadual de 2º grau Jardim Itú-Sabará, no período da noite e, através do decreto 2517/1989 as escolas foram unificadas recebendo o nome que tem hoje.

A Escola Estadual Professor Elmano Lauffer Leal é a segunda escola onde trabalho ampliando minha carga horária. Oferece o Ensino Médio Regular, Ensino Médio Integrado ao Técnico em Administração e Técnico em Administração pós-médio recebendo alunos da zona norte de Porto Alegre e municípios vizinhos como Alvorada e Viamão. O perfil do aluno é de baixa renda, alguns com maiores dificuldades financeiras que outros, inclusive para o transporte à escola, além de estruturas familiares diversas. A faixa etária dos alunos vai dos 15 aos 60 anos.

O total de alunos, no ano 2021, foram 974 alunos sendo 400 durante a manhã, 274 durante a tarde e 300 alunos no período noturno. São, na sua maioria, muito afetivos, com lacunas de aprendizagem, mas que desejam crescer intelectual, social e profissionalmente.

O organograma da equipe diretiva é composto por uma diretora, três vice-diretoras (uma pra cada turno), uma supervisora e uma orientadora educacional e, na gestão atual, as vice-diretoras ocupam as funções de supervisora e orientadora educacional. Possui 54 professores com formações diversas e graus de instrução que vão de graduação completa a doutorado, além de 11 funcionários (apoio).

Em uma área total de 2.1605 m² a escola é térrea e conta com 9 salas de aula, laboratório de química, 2 laboratórios de informática, auditório, cozinha com refeitório, biblioteca, sala de recursos, sala do SOE, sala do SSE, sala de professores, sala de direção e vice-direção, sala do setor financeiro, sala de educação física, cantina, 2 vestiários e 12 banheiros.

A Lauffer, como chamo, para mim, é mais que um ambiente de trabalho; é um lugar afetivo, pois minha mãe foi professora de Matemática da escola durante anos e a acompanhei nas aulas desde os meus 08 anos de idade. Algumas ex-colegas da minha mãe, hoje são minhas colegas, incluindo a diretora e supervisora, e sinto um acolhimento especial, certamente em função desse passado. Nela leciono a disciplina de Administração para o ensino técnico pós-

médio, no período da noite, e para alunos do ensino médio integrado ao técnico em Administração no período da manhã. São turmas com características diferentes tornando a forma de dar aula, diferente uma da outra.

9 PROGRAMA DE INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID

Instituído pelo decreto 7.219 de 24 de junho de 2010, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas (in <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>, 2020).

O decreto justifica o programa, o órgão executor, define os participantes do programa, seu objetivos, a modalidade das bolsas ofertadas, quem poderá participar, quais informações deverão ter no edital de cada edição do programa, os requisitos que deverão ser atendidos pelas instituições interessadas na participação, o papel da CAPES como executora do PIBID e a origem dos recursos para amparar o programa.

É coordenada pela CAPES e ofertado aos estudantes de licenciatura através das instituições de ensino superior participantes do programa. Para a instituição de ensino participar do programa é necessário que haja um edital publicado vigente, no qual ela irá apresentar seu projeto de iniciação à docência. Os participantes envolvidos recebem uma bolsa, de diferentes valores, conforme sua atuação: alunos de licenciatura, professor supervisor, coordenador de área e coordenador institucional.

Têm como objetivos principais: integrar Educação Superior e Educação Básica; qualificar a formação inicial de professores; fomentar práticas docentes e experiências metodológicas de caráter inovador e tornar a escola pública um espaço para reflexão e crescimento na construção do conhecimento. Portanto, seu intuito é minimizar a falta de prestígio da profissão docente e a desarticulação entre a teoria e a prática escolar, estimulando o acesso e a permanência de estudantes em cursos de licenciatura (BRASIL, 2012 *apud* RAUSCH e FRANTZ, 2013).

É um programa extremamente importante para a formação dos alunos dos cursos de licenciatura visto que nos aproxima dos alunos e dos professores. Nele começamos a aprender o que é ensinar e, para muitos, é a primeira experiência como futuros docentes. Fui selecionada para participar do PIBID em 2019, no 3º semestre do curso e tive o privilégio de atuar no Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CAP/UFRGS.

Como nosso curso é à distância e temos, além de Porto Alegre, outros 3 polos de estudo: Imbé, São Francisco de Paula e São Leopoldo os bolsistas selecionados foram divididos para atuar em escolas próximas à localização dos polos.

Durante o PIBID, assim como nosso curso, o foco é na educação básica no ensino fundamental e alguns dos objetivos do projeto na nossa Instituição¹ foram os de integrar os estudantes de licenciatura às escolas de Ensino Fundamental, na compreensão de suas atividades de ensino com as crianças e adolescentes e sua convivência na comunidade; elaboração de materiais didáticos junto aos professores das turmas considerando os conteúdos trabalhados pelos professores em Ciências da Natureza (por vezes aplicamos esses materiais elaborados junto às turmas). Outras atribuições no projeto foram as observações e relatórios, e nessas observações pudemos analisar o comportamento dos alunos (que tem diferentes perfis) e dos professores, sua postura diante da turma, a forma como conduziam as aulas. Ao mesmo tempo em que éramos observadores, também éramos assistentes, visto que algumas aulas eram interdisciplinares com trabalhos em grupos, o que nos permitia ter mais autonomia dentro das salas de aula auxiliando os alunos.

Paralelo à iniciação da prática, fazíamos leituras orientadas, assistíamos palestras e construíamos projetos – objeto de apresentação no Salão de Ensino UFRGS 2019, um evento anual, além dos devidos registros dentro da plataforma Moodle Colaboração disponibilizado aos bolsistas.

O projeto criado e aplicado por mim durante o PIBID e apresentado no salão de ensino UFRGS em 2019 foi uma aula para crianças cursando o 6º ano do ensino fundamental, na disciplina de Ciências, unidade temática “Terra e Universo” com objeto de conhecimento “estrutura da Terra” a fim de desenvolver a habilidade EF06CI11 - Identificar as diferentes camadas que estruturam o planeta Terra (da estrutura interna à atmosfera) e suas principais

características, conforme orientações da BNCC (in http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf, 2019).

A aula, embora projetada para o 6º ano foi aplicada no 5º ano devido a disponibilidade dos professores titulares das turmas e horários. Consistia na identificação das camadas internas do planeta na qual o aluno, primeiramente, assistia a um trecho do filme A Era do Gelo – O Big Bang, quando o personagem Scrat, um esquilo pré-histórico muito atrapalhado, provoca, no solo congelado, uma rachadura que se estende por muitos metros, tanto horizontal quanto verticalmente, fazendo com que ele caia. Enquanto cai, passa pelas diferentes camadas da Terra até chegar ao núcleo.

A partir dessa cena começamos a interação professor – aluno conversando sobre as camadas e qual composição achavam que tinham. Após, partimos para a parte prática “montando” o interior do planeta Terra a partir do seu núcleo com materiais disponibilizados aos alunos: recipientes cilíndricos transparentes, serragem (tipo grossa) na cor verde, orbes hidratadas na cor vermelha, bolas de isopor alaranjadas e cascalho representando a forma, a superfície/crosta, manto e núcleo, respectivamente. Reunidos em grupos selecionaram os materiais e representaram as camadas internas da Terra percebendo as diferentes texturas e espessuras que compõem. Sensações foram estimuladas como, como o tato e a visão (devido às cores fortes) além de interação, discussão, concentração entre os alunos. A atividade foi desenvolvida pensando na diversidade, permitindo que todos os alunos participassem. Em seguida realizamos uma pequena atividade para fixação e registro.

Foi uma aula estimulante que integrou a todos; aprenderam brincando, pois em 90 minutos assistiram o trecho de um filme que todos gostavam, mexeram em materiais com texturas, cores e tamanhos diferentes, montaram estruturas, interagiram, movimentaram-se enquanto se apropriavam da aprendizagem, inclusive, ao realizar a atividade final de fixação.

Participar do programa foi fundamental para o início da minha formação, pois ali iniciei a aproximação com o aluno e comecei a entender que escola não é somente lugar de ensinar, mas de aprender. E não são somente alunos que aprendem, nós, enquanto professores, também

aprendemos. Aprendemos com os alunos, com os colegas de trabalho, com o espaço físico, que é local de convivência, de conflitos, de segurança, aconchego, conforme citação:

Escola é lugar de aprender. E de ensinar. É também lugar de tomar merenda, de jogar futebol, de fazer fila, de ficar triste ou se alegrar. As crianças escrevem, somam ou subtraem, copiam, perguntam. Elas brigam, choram, se machucam. Fazem grandes amigos. O professor explica a lição, lê histórias, pega na mão da criança que começa a escrever. Ele também grita, fica bravo, perde a calma. Tem que fazer chamada, corrigir prova, preparar aula, preencher papelada. As crianças às vezes têm fome, às vezes estão doentes, às vezes estão saudáveis e felizes. De onde elas vêm? Do bairro ao lado, da favela ali em cima, do outro lado da avenida, do sítio a alguns quilômetros. Falta lápis e, por vezes, até o sapato. Trinta (ou quarenta?) em cada sala. Lousa nova, lousa gasta. Carteiras meio quebradas. O diretor se preocupa com a reforma do prédio, orienta e fiscaliza os professores, tem um monte de papel para assinar, é homenageado na formatura. Na escola tem mais gente: merendeira, servente, secretário, inspetor... O salário está baixo. A vida está dura. Mas escola é lugar de ensinar e de aprender (FONTANA; CRUZ, 1997, p.3 apud ROESCH e FRANTZ, 2013).

Encerro agradecendo a oportunidade desse convívio, dessa experiência, de participar do programa, de ter tido colegas maravilhosos como parceiros, de orientadores, professores, que só trouxeram mais valor a esse projeto lindo e contribuíram para que eu me tornasse uma profissional, uma pessoa melhor.

10 PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - RP

O Programa Residência Pedagógica foi instituído pela CAPES através da Portaria nº 38 de 28 de fevereiro de 2018 com a finalidade de aperfeiçoar a prática dos estudantes de licenciatura a partir da segunda metade do curso, enfatizando a prática docente.

Assim como no PIBID, também ocorre em forma de edições onde há publicação de edital para participação das instituições de ensino. É uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, criada pelo decreto nº 8752 de 09 de maio de 2016, no qual, dentre outros objetivos, no artigo 3º, VIII é o de assegurar que os cursos de licenciatura contemplem carga horária de formação geral, formação na área do saber e formação pedagógica específica, de forma a garantir o campo de prática inclusive por meio de residência pedagógica (in <https://www.gov.br/capes/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>, 2020)

Os objetivos do RP, conforme a portaria são: aperfeiçoar a formação dos discentes dos cursos de licenciatura; induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica; fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, e promover a adequação dos currículos e das propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da BNCC (in <https://www.gov.br/capes/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>, 2020).

Em meio a pandemia originada pelo vírus SARS-CoV-2, quando durante o ERE, foi lançado um novo edital para o Programa Residência Pedagógica, no qual fui selecionada, iniciando-o em Outubro de 2020 e com previsão para encerramento em 31/03/2022.

Nas ações do programa com edital do qual fiz e faço parte compõem atividades interdisciplinares com o curso de Letras, além de trabalharmos em duplas, o que está sendo muito importante, não só por fomentar o trabalho entre as duas disciplinas, mas pela troca de experiências.

A exigência, nesse programa é muito maior, pois já concluímos metade do curso e é natural que sejam necessárias mais horas de dedicação com participação em reuniões, workshops, palestras, fazendo planejamentos de aulas e atuando como professoras nas turmas, dando aula, efetivamente, fazendo correções, dando suporte aos alunos, sempre sob supervisão direta da professora preceptora do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Durante a RP atendemos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em dois momentos diferentes, mas todos no ERE – Ensino Remoto Emergencial. O aluno, agora é adulto, estudando na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. As turmas que atendi tinham idades que variavam entre 18 e 60 anos, trabalhadores, moradores da região. É um público que não completou a educação básica na idade indicada.

Planejei e atuei ativamente nos encontros síncronos e os desafios para manter a motivação e atenção dos alunos durante as aulas foram grandes e busquei planejar aulas na qual o aluno conseguisse identificar em si e no seu ambiente as aprendizagens. Assunto constante, a ERER e, dentro dessa ação, o tema “Racismo Ambiental” permitiu que muitos alunos se identificassem e se sentissem incluídos nos assuntos trabalhados. A cada plano de aula realizado aprendia, ainda mais quando estava ensinando. Como parte complementar trouxe a cada aula a demonstração de um experimento, sempre condizente com o assunto trabalhado, que o aluno poderia realizar em casa. Essas formas de aproximar o aluno, mesmo que virtualmente, foram motivadoras para todos.

Racismo é um tema necessário, sempre, e é definido segundo Selene Herculano, da seguinte forma:

Racismo é a forma pela qual desqualificamos o outro e o anulamos como não semelhante, imputando-lhe uma raça. Colocando o outro como inerentemente inferior, culpado biologicamente pela própria situação, nos eximimos de culpas, de efetivar políticas de resgate, porque o desumanizamos: “ô raça!” (HERCULANO, 2006, p. 1)

A mesma autora também define racismo ambiental, outro tema que nos faz refletir enquanto cidadãos e o identificamos quando diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas (HERCULANO, 2006, p. 1).

Tivemos formações, também, sobre outros assuntos: educação ambiental, ensino para jovens e adultos, educação translíngua. A cada formação abria, em mim, um horizonte e levo esses aprendizados para a educação profissional, pois mesmo lecionando disciplinas técnicas, os alunos tem as mesmas necessidades e anseios. São diversos, com realidades próprias; querem ser inseridos, fazer parte de um todo, independente da faixa etária, características fenotípicas ou posição social.

Durante a RP, devido ao ERE, os planos de aula eram apresentados de forma virtual com textos, imagens e demonstração de experimentos (realizados com materiais de fácil acesso e eu os alunos poderiam fazer em casa). Uma das aulas dadas para os alunos da EJA no ensino fundamental foi sobre “Solo e Meio Ambiente”. Além de assuntos como poluição, desmatamento, erosão, demonstramos as ações do homem no solo, quando desmata, e suas consequências. Falamos sobre territorialidade e racismo ambiental (conceituado anteriormente) e, conforme íamos falando, acompanhando o texto e as imagens os alunos debatiam, identificavam esse cenário dentro de suas comunidades e relatavam as ocorrências nesses locais, tais como poluição do solo e falta de infraestrutura e o impacto que isso causa na vida deles: vivem em regiões insalubres, sofrem preconceito chegando até interferir na autoestima.

Paralelo ao programa conclui a disciplina de estágio 4, obrigatória para conclusão do curso, com o mesmo grupo de alunos, e reescrevo a avaliação que fiz com minhas percepções, tal qual às do Programa Residência Pedagógica:

O 4º período de estágio docente foi muito importante para a continuidade da minha formação e qualidade do meu trabalho, demos seguimento a articulação entre a teoria e a prática social da profissão docente. Esse espaço deu a oportunidade da vivência da profissão no momento em que tivemos oportunidade de conduzir as aulas e interagir mais com os alunos fazendo a significação com a teoria. Desenvolvi e apropriei importantes habilidades de um professor reflexivo e autor. O ano 2021 ainda continua sendo um período de constante desafio neste período de pandemia pela COVID-19, pois mesmo com boa parte dos alunos adaptados, ainda há os que têm suas dificuldades, visto que o ensino remoto nos exige muito mais que no presencial e disciplina é

fundamental. As características e limitações tecnológicas dos alunos, assim como no estágio 3, contribuíram muito para a adaptação das aulas da melhor maneira possível e para a melhor assimilação e, na prática, há um distanciamento entre os discursos acadêmicos e a ação realizada nas escolas, sendo esse um importante obstáculo a ser ultrapassado, pois cada escola, cada turma, cada aluno tem características, realidades diferentes e as ações devem ser adaptadas e readaptadas para aquela realidade. É um processo mutável, não se esgota.

Nessa etapa continuamos o contato com a instituição de ensino de forma remota, através da professora orientadora e grupo de estagiários onde houve participação mútua na construção dos planejamentos.

Continuo com a mesma visão de que a observação e a prática possibilitaram refletir a consideração dos conhecimentos já adquiridos durante o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza para os anos Finais do Ensino Fundamental desta Universidade.

O estágio 4 foi muito importante para mim, pois mesmo já atuando na docência, são características diferentes, etapas diferentes e tem sido uma contínua apropriação de experiências novas.

O preparo das aulas, e a busca por recursos que atraíssem os alunos dentro de uma realidade de carência de recursos, de forma que não desmotivasse o aluno, foi muito desafiador e estimulante, pois em todas as aulas trouxemos experimentos que aproximassem o conteúdo visto com a prática diária. (Relatório – Estágio 4 do curso, texto da autora)

As dificuldades de aliar a teoria à prática existem, e não somente na licenciatura, mas em todos os cursos disponíveis. O período de aulas remotas nos trouxe mais dificuldade, pois, além das já existentes, muitos carentes de recursos tecnológicos, outros tendo-os, mas desconhecendo como utilizá-los. As condições que nos foram impostas impactaram os alunos e professores, pois enquanto discentes, também precisamos de motivação.

Mais uma vez manifesto minha satisfação com o projeto do Residência Pedagógica. As formações oportunizadas, os temas apresentados, o trabalho em conjunto, servem, não somente para o aluno das Ciências da Natureza ou Letras, mas para todas as pessoas. A apropriação das informações passadas, debatidas; a forma de enxergar o aluno de forma holística, com seus saberes, suas dores, seus anseios e identificar as carências deles está sendo de extrema importância para minha formação. O programa está sendo, para mim, um apoio para trabalhar já nas minhas aulas como professora do ensino profissionalizante pós médio e médio. A expectativa de aplicar todo esse aprendizado e prática com os alunos do ensino fundamental nas Ciências da Natureza só aumenta.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simbolizar vida em letras, em palavras, em frases, através de uma narrativa em si, não é tarefa simples. Dar forma escrita à trajetória em um memorial é um exercício recheado de “perigos” e “potencialidades”. Assim como pode expor conflitos existenciais, pode também ocultar tantos outros (ARENHALDT; MARQUES, 2010, p. 19).

Após a realização deste trabalho posso dizer que muitas de nossas vivências são levadas e outras são trazidas para e da docência e dela devemos extrair o seu melhor. Quando escrevo o seu melhor, nem sempre se resume às coisas boas, mas as ruins também, pois são as experiências que nos tornam melhores, capazes de tomar decisões e ter ações melhores. A importância da família, dos valores, da estrutura (emocional) são a base para o indivíduo buscar novos aprendizados.

Confirmei que ser docente não é somente a técnica, mas significar o que é transmitido, ou seja ensinar, ampliar, avançar e ter conhecimento não quer dizer que somos inteligentes, mas a forma que fazemos com o que conhecemos e aprendemos é o que nos torna inteligentes. Bondía reforça quando escreve “como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (BONDÍA, 2002, p. 22).

A respeito dos objetivos, concluo que:

- Compreender o processo pessoal do encontro à docência e dissertar sobre a experiência da autora e aspectos fundamentais para o exercício da docência.

Poder relatar minha trajetória foi muito importante para meu processo formativo; aplico minhas experiências pessoais na docência quando remeto meus pensamentos a épocas passadas. No dicionário Aurélio docente é aquele que ensina (AURÉLIO, 2010, p. 263), mas esse conceito pode ser ampliado como aquele que ensina e aprende ensinando.

- Sistematizar experiências pessoais referenciadas na Educação Profissional as quais contribuem para o exercício da docência em Ciências da Natureza respondendo à pergunta: As experiências no PIBID e na Residência Pedagógica reforçam ou refutam as aprendizagens presentes no exercício da docência?

Reforçam, sempre, as aprendizagens: Meu primeiro contato com o aluno, na qualidade de docente, foi na educação profissional e, concorrente, a participação no PIBID, fez com que minha atuação, a forma de enxergar o aluno, as atribuições do professor - que não se esgotam na sala de aula - vieram das contribuições nas aprendizagens do Programa de Iniciação. Da mesma forma a experiência na educação profissional e no PIBID fizeram com que as atividades desenvolvidas no RP fossem reforçadas com maior solidez, segurança, interatividade, flexibilidade, pois tinha uma visão engessada das atribuições de um professor e seus métodos de ensino.

- Contribuir na formação inicial e continuada de professores, através dos relatos de vivências, de forma que venha ajudar na possível condução de práticas pedagógicas.

Minhas vivências pessoais e comprometimentos profissional, como discente, bolsista, fazem com que, a cada etapa do ensino exercendo a docência, eu reveja os formatos, a linguagem, os conteúdos a serem passados aos alunos, ainda mais eles com características tão diversas. Os perfis mudam, eu mudo, assim, sigo aprendendo para ensinar e ensinando para aprender.

Espero que nessa leitura seja possível entender que antes de mais nada propósito é um objetivo, que somos resultado das nossas escolhas e que independente do que vivenciamos, cabe a nós tirar o melhor proveito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Sabrina Viegas de. Relatório do Estágio 3 – texto digitado, 2021.
- AGUIAR, Sabrina Viegas de. Relatório do Estágio 4 – texto digitado, 2021.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino**. São Paulo. Cadernos de Pesquisa, nº 96, 1996. p. 71 – 78. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208792>. Acesso em 23/01/2022.
- ALVES PEREIRA ALMEIDA, S. **Reflexões sobre aspectos da aprendizagem da criança com TDAH**. Revista Primeira Evolução, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 25, p. 113–116, 2022. Disponível em: <http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/213>. Acesso em: 4 mar. 2022.
- ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tânia Betriz Iwasko. **Memórias e Afetos na Formação de Professores**. Pelotas, Universitária-UFPEL, 2010.222 p.
- BELÉM NOVO, 2022. **Sobre o Bairro**. Disponível em <https://belemnovo.com.br/sobre-o-bairro/>. Acesso em 16/12/2021.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002. 11 p. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20experi%C3%Aancia%20%C3%A9%20o%20que,para%20que%20nada%20nos%20aconte%C3%A7a>. Acesso em 20/02/2022.
- BRASIL, 2022. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid#:~:text=O%20Pibid%20%C3%A9%20uma%20a%C3%A7%C3%A3o,em%20que%20elas%20est%C3%A3o%20inseridas>. Acesso em 24/01/2022.
- BRASIL. 2010. **Decreto 7219/2010**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm. Acesso em 25/01/2022.
- BRASIL. 2016. **Decreto 8752/2016**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8752.htm. Acesso em 26/01/2022.
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 8. Ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p.

- HERCULANO, Selene. **Racismo Ambiental, o que é isso?** Rio de Janeiro. 2006. Disponível em https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wp-content/uploads/sites/149/2017/09/Racismo_3_ambiental.pdf. Acesso em 05/03/2022.
- MARQUES, Tania Beatriz Iwasko. **Do Egocentrismo à Descentração: A docência no ensino superior**. 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PROJETO ORIGINAL PIBID/UFRGS, 2019. Disponível em Moodle Colaboração.
- PORTO ALEGRE – RS. 2022. **Conheça Porto Alegre**. Disponível em <https://prefeitura.poa.br/gp/projetos/conheca-porto-alegre>. Acesso em 01/01/2022.
- RAUSCH, Rita Buzzi; FRANTZ, Matheus Jurgen. **Contribuições do PIBID à formação inicial de professores na compreensão de licenciandos bolsistas PIBID**. ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME ISSN 1809-0354 v. 8, n. 2, p.620-641, mai./ago. 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2013v8n2p620-641>. Acesso em 24/01/2022.
- SARAÇOL, Paulo Valério. **A potencialidade do PROEJA: Histórias dos estudantes evadidos do IFRS Câmpus Rio Grande**. 2014. 267 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – SEDUC. 2021. **Avançar na Educação – Ações e Investimentos do Governo Gaúcho**. Disponível em <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos//avancar-educacao-v18.pdf>. Acesso em 30/12/2021.
- SOUZA, Elerson Tarcísio *et al.* **Manual para elaboração e normalização de trabalhos acadêmicos conforme normas da ABNT**. Belo Horizonte, 2012. 113 p. Disponível em http://www.monografiasetrabalhos.com.br/download/mg/unibh_minasgerais_manual_tcc.pdf. Acesso em 21/02/2022.